



O Pensar Desenho: Reflexões Culturais e Interdisciplinares

IMAGEM, DESENHO E CULTURA: REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO E A REALIDADE DO HOMEM.

Cássio Brito Bomfim

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Artes
comodoros147@hotmail.com

Resumo

Desde os registros mais antigos que se tem sobre o homem, em todos eles percebe-se sua incansável luta na tentativa de dominar a natureza. O processo de desnaturalização e renaturalização é uma forma evidente de mostrar que esse homem necessita desenvolver mecanismos que contribuam para a garantia de sua sobrevivência. Nesse contexto, a imagem aparece como um elemento de grande valia que contribuiu e contribue não somente como ferramenta na busca dessa compreensão, como também um elemento significativo na produção do conhecimento. A partir das reflexões de autores como Gomes (1996), Laraia (2001), Morin (1975), este estudo busca traçar uma relação entre a imagem, o desenho e a cultura na perspectiva de tentar demonstrar a importância da imagem no desenvolvimento cognitivo e posteriormente cultural do homem.

Palavras-chave: desenho; imagem; cultura; conhecimento.

Resumen

Desde los primeros registros del hombre, en todos ellos se puede ver su lucha implacable para tratar de dominar la naturaleza. El proceso de desnaturalización y renaturalización es una forma obvia de mostrar que este hombre necesita desarrollar mecanismos que contribuyan a garantizar su supervivencia. En este contexto, la imagen aparece como un elemento valioso que contribuyó y contribuye no solo como una herramienta en la búsqueda de esta comprensión, sino también como un elemento significativo en la producción de conocimiento. A partir de las reflexiones de autores como Gomes (1996), Laraia (2001), Morin (1975), este estudio busca establecer una relación entre imagen, dibujo y cultura en la perspectiva de intentar demostrar la importancia de la imagen en el desarrollo cognitivo. posterior cultural del hombre.

Palabra clave: diseño; cuadro; cultura; conocimiento.

1 Introdução

Ao pensar a realidade e a compararmos como um fio, é provavelmente certa a resposta de que se tentarmos olhar para trás, enxergaremos um horizonte infinito e a ponta que dá início a essa realidade é somente um horizonte escuro onde a linha se perde em meio às sombras deixadas para trás; por outro lado, ao olharmos para frente, esta mesma linha se mantém móvel seguindo em linha reta, sempre em direção ao infinito igualmente obscuro e turvo. Não obstante, apesar de esse horizonte adiante não ser claro a visão humana, consegue-se ver a ponta da linha se moldando, tecendo fio por fio e se mantendo firme cruzando o espaço infinito.

Visto isso, pode-se inferir que: se até esse momento essa linha teceu todo o horizonte atrás de nós, supomos que assim como a vemos crescer agora, outros antes de nós também presenciaram esse crescimento. Por outro lado, se sabemos que houve outros no passado, ao longo do crescimento dessa linha a nossa frente, inferimos também que em um dado momento nós também seremos o passado dos que virão no futuro. Diferente desse exemplo, se pensarmos a realidade que racionalmente criamos, que se modifica a todo instante e que, apesar de ter uma propriedade universal, se objetiva em espaços próprios de maneiras diferentes, seria impossível para um ser humano ter uma visão do todo. Mesmo que recortássemos uma parte desse todo, ainda sim, seria possível apenas conhecer fragmentos desse recorte.

Ao retratar a realidade como um fio, consegue-se sintetizar todo um conceito de algo metafísico a algo concreto, mesmo tendo em mente que essa forma é apenas uma comparação, ainda sim em nível didático permite a exemplificação de algo que ocasiona na construção do conhecimento de algo, no caso a realidade. Mas, se sabemos que a realidade não é um fio, como durante a leitura do exemplo essas palavras se fizeram imagens em nossa cabeça? Como foi possível, mesmo não sabendo o que é a realidade em si de forma concreta, ainda podermos vê-la como um fio e conseguirmos criar conceitos a partir disso?

Para responder a essas e uma série de outras perguntas, o homem precisou buscar conhecimento, elaborar teorias, refletir sobre como o mundo se apresenta e transformá-lo para sua sobrevivência. Essas e outras atribuições construídas a partir da racionalidade humana, nós chamamos de cultura. Laraia (2001, p. 28) nos mostra que Tylor foi o primeiro a trazer definições sobre o conceito de cultura a partir de formulações de cunho antropológico, segundo ele, cultura era “todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje”. Tylor também considerava a cultura um fenômeno natural, pois apresentava

aspectos causais e regularidades, em outras palavras, seria possível extrair de sua análise formulações de leis sobre o processo cultural e de sua evolução. Apesar de Tylor ter seu pensamento influenciado pelas ideias de Darwin, ainda assim tem seu mérito por trazer novas perspectivas acerca do conceito de cultura. (LARAIA, 2001).

Apesar das grandes divergências de ideias em torno do conceito de cultura, Laraia (2001) também cita Keesing que, segundo ele, traz um esquema que trata de posicionamentos que parecem coincidir em alguns pontos: o primeiro deles é a ideia de que cultura são sistemas; sendo assim, a cultura teria também o papel de criar padrões de comportamento que são socialmente transmitidos. A segunda, é a de que a mudança de cultura é primariamente um processo de adaptação que equivale a seleção natural, em outros termos, o fato de o homem ser um animal, ele mantém uma relação direta com o meio em que vive, logo esse meio força o homem a se adaptar a ele, e essa adaptação só acontece por meio da cultura. O terceiro ponto diz respeito aos domínios mais adaptativos da cultura, sendo estes a economia; por partir desses domínios, tais mudanças adaptativas que provocam as ramificações de adaptação de uma sociedade. Por fim, os conceitos ideológicos dos sistemas culturais, que segundo Keesing, é a partir desse meio que nasce o controle da população, da manutenção do ecossistema, subsistência, entre outros.

É certo delinear que para além destes e outros conceitos apresentados por Laraia (2001), muitos outros pensadores se debruçaram acerca do conceito de cultura. No entanto, para que possamos estabelecer uma base de continuidade naquilo que se caracteriza como cultura e da forma que será tratada nesta pesquisa, nos apoiaremos nas ideias contidas em Sodré (2005), onde cultura é entendida como discurso.

Este estudo busca tratar de um elemento que se faz de suma importância na transformação do homem a partir dos tempos e que teve sua contribuição na construção e evolução da cultura: a imagem. Ao perceber que esta foi o que moveu o homem e que essa ação que o provocou a evolução através da cultura, qual a importância da imagem para o desenvolvimento da cultura no homem?

Quando nascemos o mundo é um objeto estranho e a partir dos objetos que o compõe nós nos tornamos curiosos e essa curiosidade nos leva a desbravar esse mundo. As imagens que experimentamos e que internalizamos, são consideradas como o “estalo” inicial que nos leva a querer conhecer as coisas. Através desse conhecimento construído ganhamos ferramentas para modificá-lo e por ele ser modificado, ao mesmo tempo, damos novos sentidos e conceitos às mesmas imagens que anteriormente serviram também de conhecimento.

Sendo assim, esse estudo se divide em três momentos: o primeiro deles tratando da imagem e a influência desta na curiosidade do homem na busca por conhecimento; a segunda, falar da cultura e o impacto que esta trouxe na vida do homem e, por fim, demonstrar a relação e influência da imagem na cultura e na visão do homem.

2 Imagem e imaginação como a maravilha do mundo.

A admiração pelos eventos do mundo levou o homem a buscar maior compreensão sobre esses fatos, podemos citar, por exemplo, o desenvolvimento da cultura grega e em especial a filosofia que, tendo esse maravilhar-se como um dos motivos, serviu como o fio condutor na busca pelo conhecimento e a compreensão do mundo. Tales, na tradição filosófica, é considerado o primeiro a buscar esse conhecimento sobre o mundo, no entanto, esse momento de que trata a filosofia se caracteriza como o nascimento do pensamento racional e filosófico, mas o “maravilhar-se” com o mundo pode ser notado muito antes disso.

O vislumbre pelos objetos do mundo, pelas imagens que representam tais objetos pode ser considerado um ponto de grande importância que move o homem na busca pelo conhecimento. Morin (1979) argumenta que o ponto de partida é o homem de Neandertal, já *sapiens*, que, mais a diante, dará lugar ao homem atual. Esse ancestral do homem é importante, pois é a partir dele que um primeiro fator significativo irá surgir e que se tornará peça fundamental no desenvolvimento humano: a consciência do “duplo”.

Ao grafar figuras nas paredes de pedra e, mesmo não estando diante das figuras, ainda sim ser possível concebê-las mentalmente, se caracteriza como a ação de tornar a presença do duplo concreta, esse duplo é o que podemos chamar de impressão da imagem, ou em outros termos, guardar mentalmente na memória traços do objeto experimentado de forma empírica. Por outro lado, ao constatar que nas sepulturas, nos corpos pintados e na maneira em que eram colocados os mortos, foi possível sugerir uma espécie de ritual que deduz a presença da magia nesse homem. A magia, dessa forma, é aquilo que leva o homem a modificar, transformar e criar outras figuras imaginativas a partir daquilo que ele experimentava a sua volta. Essa nova maneira de “manipular” as imagens mentais, também é um forte traço do avanço na transformação do homem.

A partir disso, Morin (1979) percebe que esse homem não só carregava a consciência da morte como também já tinha em si a imaginação assomada, além disso, a imagem e a imaginação são denotadas como fontes necessárias no cotidiano humano.

“Juntamente com a consciência realista da transformação, a crença de que essa transformação resulta numa outra vida na qual se mantém a identidade do transformado (renascimento ou sobrevivência do “duplo”) indica-nos que o imaginário irrompe na percepção do real e que o mito irrompe na visão do mundo. A partir de então ambos passariam a ser, ao mesmo tempo, os produtos e os co-produtores do destino humano”. (MORIN, 1979, p. 103)

Não bastou apenas o “maravilhar-se” com o mundo, foi necessário que essa maravilha se tornasse presente mesmo quando a imagem do objeto não se encontrava de modo imediato. O significante e os símbolos convencionais, nesse sentido, irão carregar consigo a potencialidade do significado (imagem mental ou impressão do objeto), que por sua vez pode ser confundido com o objeto empírico.

Essa nova perspectiva faz com que o homem se comporte procurando respostas não mais diretamente sobre os objetos e os seres, “mas sim sobre seus duplos, isto é, na verdade, sobre as imagens e os símbolos”. (MORIN, 1979, p. 107). Sendo assim, a imagem, o mito, o rito e a magia são aspectos fundamentais que dão margem ao aparecimento do homem imaginário, além disso, a mitologia e a magia serão complementos diretamente ligados a todas as coisas humanas, desde as mais biológicas até as mais práticas. Destarte, pode-se inferir então que: a capacidade de enxergar o mundo ao redor através da visão; poder armazenar essas imagens na memória e, a partir dessa lembrança e da imaginação; ter a possibilidade de manipular essas imagens pode ser considerado o início da transformação de mundo o momento onde o homem começou a produzir conhecimento.

É importante esclarecer que não significa aqui que esses fatores foram determinantes para o nascimento da cultura, mesmo pelo fato de não se saber quando e como se deu a emergência desta, o objetivo ao trazer essa reflexão é tentar demonstrar a relação e a importância da imagem nesse momento de desenvolvimento do homem. A imagem das coisas como visto, provocou no homem o vislumbre, o maravilhar-se, pontos que ativam sua curiosidade e o move. A imagem (experimentada, reproduzida e armazenada), teve papel fundamental no despertar da curiosidade do homem, esta lhe deu a ferramenta necessária para tentar justificar o mundo: a imaginação.

Ao retomar a falar dos gregos, antes da Filosofia propriamente dita, considerada o início do conhecimento racional, a mitologia era uma forma utilizada para explicar mundo. Os eventos naturais (chuvas, raios, colheita, estações do ano, dentre outros), todos esses fatos eram justificados a partir de figuras sobrenaturais que atuavam em nosso mundo. É importante perceber que diferente do homem de Neandertal o homem grego está de longe mais a frente em vários aspectos principalmente em suas capacidades cognitivas, porém, o que vale ser comparado é que além de a imagem, a forma de como o mundo se mostra ainda ser a causa de sua curiosidade e que o move a querer justificar tais acontecimentos, a imaginação e a criação de figuras ainda fazem parte de sua vida. Mesmo se trazermos a discussão para nossa contemporaneidade a imagem (mental ou empírica) se faz necessária tanto na produção de conhecimento como “ativador” de conceitos e todo histórico intelectual que adquirimos ao longo de nossa vivência.

Nesse segmento, já se percebe que a imagem empírica se prefigura como fato que leva o homem a querer desvelar o mundo, mais que isso, é a partir da imagem mental e da imaginação que o desejo de justificar mundo se fazem presente na vida do homem. Além desses fatores, o desenho propriamente dito é causa de outras nuances em todo o desenvolvimento do homem como o conhecimento, a religião, avanços tecnológicos, dentre outros. Como o objetivo deste estudo é demonstrar a relação da imagem com desenvolvimento da cultura, não serão abordados diretamente esses temas; no entanto, em vários momentos do texto serão necessários apontamentos desses constructos.

3 Cultura e a realidade do homem.

Ao longo de seu desenvolvimento, o homem tende a amplificar suas capacidades cognitivas e com isso a necessidade de elaborar mecanismos para sua sobrevivência ou que se conforme a sua realidade, se tornam cada vez mais sofisticados. Nos dias de hoje, por exemplo, percebe-se de forma evidente o processo de desnaturalização daquilo que até então poderíamos chamar de natureza e o surgimento de novos elementos, sejam eles físicos ou subjetivos, ganham espaço como a nova forma de ser natural.

Há algumas décadas atrás, pensar na possibilidade de poder falar em tempo real com alguém a partir de um telefone móvel via vídeo transmissão, era no mínimo uma ótima ideia para filmes de ficção científica. Hoje, ao contrário, se você é o tipo de pessoa que não carrega consigo pelo menos um *smartphone*, ou você está

“desajustado” á sociedade ou provavelmente vão questionar em que mundo você vive. Assim como o exemplo do celular, poderíamos citar vários outros exemplos de elementos que atuam na contemporaneidade e que são consideradas coisas naturais para o ser humano.

A filosofia, a ciência, a religião e todas as áreas do saber, podem ser considerados meios que possuem suas próprias especificidades e que servem de guia para o homem na busca e na construção do saber, são esses elementos que o homem usa como guia de estrutura metodológica e para acessar aquele conhecimento já estabelecido (conhecimentos construídos pelos seus antepassados) e a partir desses refletir sobre novas possibilidades.

Toda essa produção humana pode ser sintetizada em uma única palavra: cultura. Laraia (2001) descreve que esse termo foi cunhado por Edward Tylor sendo no vocábulo inglês *Culture*, esse termo carrega consigo todo um complexo que inclui conhecimento, arte, crença, moral, costumes, leis ou qualquer outro hábito e capacidades do homem membro de uma sociedade. Mas, ao contrário do que se imagina a conotação de cultura nem sempre teve uma definição tão objetiva quanto a que foi estabelecida por Tylor, o conceito de cultura ao longo da história passou por grandes processos e transformações até se apresentar com o sentido que usamos hoje, processos esses que implicavam diretamente na forma como a sociedade se comportava.

Antes de darmos prosseguimento no que tange a cultura e seu impacto na sociedade, é importante ressaltarmos duas características importantes e fundamentais quanto a discussão sobre cultura, a primeira é o seu modo universal: se aceitamos a ideia de que a cultura é uma produção da racionalidade do home, significa que o ser cultura está presente em toda e qualquer ação que atendam essa propriedade. A segunda, parte do princípio de que ela possui uma vertente objetiva, discursiva, logo essa objetivação se apresenta de modo particular, individual.

Segundo Sodré (2005) o sentido de cultura pode ser descrito como discursivo, em outros termos, em cada nação nacional o conceito de cultura e sua prática se apresentam de maneira distinta. Nesse sentido, entender a cultura de um modo geral seria praticamente impossível e tentar trazer a luz um novo conceito seria fazer mais do mesmo. Na tentativa de resolver esse problema, o autor pensa cultura em contraponto a ideologia, isto é, cultura passa a se mostrar no sentido de objetivação da ideia de algo, como um modo de como o homem se relaciona com o “real”. O autor

considera a cultura como uma unidade coerente, mas, ao mesmo tempo, na prática ela se mostra a partir de suas particularidades.

“Os significados correntes de cultura, oscila entre os de um todo, um sistema total de vida, e os de uma prática diferenciada, parcelar, mas sempre ao redor de uma unidade coerência [...] Dentro ou fora do discurso antropológico, a palavra cultura relaciona-se com as práticas de organização simbólica, de produção social de sentido, de relacionamento com o real.”. (SODRÉ, 2005, p. 15-16).

Pensar a cultura a partir dessa perspectiva discursiva não só nos parece válida como faz todo o sentido principalmente para a nossa contemporaneidade tão diversa, e é a partir dessa perspectiva que o autor demonstra o quanto a cultura influencia na realidade de uma sociedade. Para exemplificar a ideia de cultura enquanto discurso e a influência desse pensamento no meio social, Sodré (2005) faz um levantamento histórico demonstrando que ao longo dos anos o sentido de cultura e sua aplicação no contexto da sociedade se apresentam de modos distintos: para os Romanos, por exemplo, o sentido de cultura implicava numa espécie de autoeducação, sendo assim, essa conotação baseava-se na busca do homem daquilo que contribuiria de forma positiva em seu desenvolvimento; No século V, a ideia de cultura baseava-se no fazer com excelência, a prática o produzir tendo como foco o crescimento do Estado; Em 1530, Erasmo cunha o termo civilidade direcionando-se a regras de comportamento e a partir do século XVIII a cultura, por sua vez, passa a ser a condição necessária do aumento do saber, da invenção e da descoberta. Essas novas perspectivas junto a ascensão da burguesia ganham novas características: ao primeiro é reservado os valores espirituais, ao segundo as boas maneiras aristocráticas e as conquistas tecnológicas; No século XX, tendo como influência as teorias de Darwin, cultura se mostrava como um processo evolutivo onde a ordem: mito, religião e ciência, eram os aspectos que determinavam o nível de evolução cultural de um grupo social; em 1871 Edward Tylor traz a ideia de que cultura e civilização é todo o conjunto de crenças, arte, moral, leis, costumes e outros elementos que o homem adquire enquanto integrante de uma sociedade.

É a partir dessa reflexão de Tylor que cultura passa a ter uma ligação direta com a racionalidade humana e pode ser definida como o produto da ação do homem sobre sua realidade ocasionando um movimento cíclico onde ele cria sua realidade e também é por ela influenciado. Em outros termos, o homem atualiza a realidade de acordo com suas necessidades, que por sua vez reflete na vida e na vivência cotidiana do homem e da sociedade.

É importante deixar claro que, apesar de Tylor ter sido um expoente dando novas características e perspectivas a maneira de se pensar cultura, o que faz dele um nome importante para ser mencionado, não podemos deixar de evidenciar o fato de que sua teoria se baseia no e evolucionismo de Darwin, desta forma, tomar essa teoria como norteadora deste estudo não só colocaria em cheque a possibilidade de a imagem como fonte de conhecimento do homem, dado que esse conhecimento seria, então, parte do processo evolutivo, como nos forçaria a entender a cultura como uma unidade.

Por outro lado, assumido que as diferentes formas de ver, traduzir e conceber o mundo pode ser considerado um dos elementos que justificam as mais variadas formas de cultura, é que torna essa reflexão mais próxima do pensamento de Sodré, fazendo dele o ponto reflexivo em que se apoia este estudo.

3 Considerações finais

Desde os fatos mais antigos sobre o homem, em todos eles é perceptível a luta da humanidade pela sobrevivência. Ao longo dos tempos vários mecanismos foram sendo utilizados e aperfeiçoados pelo próprio homem objetivando a garantia da perpetuação de sua espécie. O estímulo causado pela imagem garantiu ao homem a possibilidade de aprender mais sobre o meio em que vivia, e desse aprendizado seu desenvolvimento o levou a pensar em seu estado enquanto homem e enquanto sociedade.

Após a descoberta do pensamento racional o homem se viu pela primeira vez na condição de dominante sobre as coisas do mundo, deu-se então o processo de desnaturalização e reconstrução de um mundo que atendesse as suas necessidades. A imagem de mundo desenhada na imaginação do homem é aquilo que o permite não somente que ele perceba os objetos a sua volta, mas que também o garante a construção de novos sentidos e significados para si e para a sociedade em geral. É a imagem que dá ao homem um pequeno fragmento da verdade, mas é a racionalidade e a cultura, que permitem ao homem imprimir essa imagem e dá a ela um novo significado.

REFERÊNCIAS

GOMES, L,V,D. **Desenhismo**. Santa Maria, 2.ed. Ed. da Universidade Federal de Santa Maria, 1996.

LARAIA,R,B. **Cultura**: um conceito antropológico. 14.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MORIN, E. **O Enigma do homem**: para uma nova antropologia. Rio de Janeiro,Zahar,1975.

REALE, G. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. S. Paulo: DP&A, 2005.